LILLIAS FRASER, de Hélia Correia[1], ou a bela sabedoria

(A Virginia Nicolova Pavlova)

Uma menina, recebendo e, especialmente, dando medo, vagueia pelo meio de carnificinas, em dois países, durante quase duas décadas. Este é o resumo apertado do argumento de *Lillias Fraser* (2001). O *incipit* do romance dá muito mais do que este simples *croquis* narrativo. Sendo do tipo "émico" (Franz K. Stanzel), a abertura desta oitava e definitivamente consagradora obra de Hélia Correia coagula em si pontos essenciais da narrativa: a heroína epónima tem poderes sobrenaturais ("vê" antecipadamente a morte daqueles com quem se cruza); as grandes coordenadas espácio-epocais são a Escócia e Portugal e as duas décadas do miolo do século XVIII; o pico da obra é o terramoto de Lisboa; a situação recorrente é a de Lillias procurando apoio em figuras maternais; o tom é sábio, tendencialmente oracular, mas sem sombra de vaidade (o que, diga-se de passagem, não raramente acontece com Agustina); a matriz genológica é dupla de romance histórico e fantástico, sendo tranquila a referência a factos da ordem do milagre, factos estes que são, portanto, dados não para espantar, mas como se de pormenores realistas se tratasse. Com tudo isto, o lugar de arranque do romance revela-se um quase completo *esquema projectual* do romance a haver.

[1] *O Leitor Hedonista*.

Lillias é um "vulto doirado e silencioso" que simula a mudez, pratica a indolência e projecta o medo, já que "os seus olhos amarelos, que sofriam vendo os passantes no momento de morrerem, assustavam por uma compaixão que parecia despropositada, ao dirigir-se a gente ainda feliz". Em fuga desde o massacre de escoceses às mãos dos ingleses em Culloden, a pequena Lillias, na sua "deriva de caminhos" anseia por "colo humano", o que encontra em várias mulheres: uma velha que a salva do massacre; Soror Theresa, do convento de Santa Brígida, na área de Lisboa; a senhora Cilícia, com "cheiro maternal" e uma forte sexualidade, atiçada ainda por cima pelos diversos medos provocados pelo Terramoto e suas sequelas (Cilícia é uma antístrofe de Theresa, a sua correspondência ao contrário); e, num *gimmick*, Blimunda Sete-Luas, que desaparece com ela, no Inverno, "pelos gelados campos do Alentejo", fechando assim, em abertura espacial, o romance. Quando Blimunda — figura transficcional que transita do universo diegético de *Memorial do Convento* para o romance de Hélia Correia, sendo por isso uma arquipersonagem de tipo pouco comum ou comum apenas a personagens literárias que se tornaram mitos, como Quixote ou Ricardo Reis — a encontra, Lillias já "conhecera homem" e está grávida. De entre os homens que conheceu, destaca-se Jayme Mendões, filho de Cilícia. Mendões, mercenário de Frederico, o Grande, e amigo de Voltaire, e que, tal como este, acreditara que "o Ministro" (Marquês de Pombal) lideraria a revolução das luzes, constatando o fracasso desta, "transfere para o sexo o papel vingador que, um ano atrás, ainda esperava da revolução" e torna-se uma bênção para as mulheres, especialmente para as mal maridadas. Lillias só se abre totalmente, "não deixando de reserva nada com que pudesse defender-se", com Blimunda — que, em jejum, vê que a criança de Lillias "está viva na barriga" — e com Jayme. Numa autêntica consubstanciação com Jayme Mendões, Lillias "acordava dentro dele, sem que fosse preciso aproximar-se. Muitas noites gemeu com o prazer dos encontros de amor que ele arranjava por todo o lado onde as mulheres o

vissem". Num total, escravizado, amor sem ciúme, Lillias "estava no desejo daquele homem, respirava com ele sobre os cabelos, sobre o pescoço das aventureiras" (a subcorrente fantástica que vem à tona aqui, e em muitos outros passos do romance, manuseada de forma convincente, aceita-a o leitor com naturalidade, como mera realidade desta acção cruzada de real e sobrenatural).

O núcleo íntimo da matéria de *Lillias Fraser*, expandido numa sintagmática de sábio luxo, une com felicidade o microcosmo das personagens centrais com o macrocosmo do Portugal (a Escócia tem valor lateral) de meados de setecentos, ou seja, neste romance as árvores não escondem a floresta, nem a floresta anula as árvores. Os terríveis *Wanderjahre*, que são também anos de aprendizagem, de Lillias servem dois objectivos: desenhar o adolescer e a primeira idade adulta de uma personagem e, de caminho, traçar o retrato de um país medíocre numa época infausta. Assim: o exército português, comandado por estrangeiros, "achava-se em tal estado de desleixo que nem contra ciganos ganharia", abundando soldados "de mão estendida para pedirem esmola"; o convento de Mafra, uma "brutal visão de majestade" que sai ilesa do tremor de terra, divide-se por orgias, por ratazanas em "negras cavalgadas que rechinavam" e por militares, padres e arraia miúda, todos "intoxicados pela ocasião que os chamava a roubar", num quadro à Buñuel, como notou Pedro Mexia; Lisboa, sob os escombros, numa "beleza de quadro tenebrista", sofre o medo e a porcaria, o "caldo de detritos", o "suco do lixo" (nestas descrições, contrariamente a algum Lobo Antunes ou Lídia Jorge, Hélia Correia não transpira qualquer gozo pelo escatológico, não emite uma *nostalgie de la boue* e, menos ainda, uma *mystique de la merde*); os lisboetas e *os saloios*, elemento negativo na polarização com estrangeiros, são uma massa de medrosos grotescos, tartamudos, boçais, obscenos e infantis, massa que mal "adivinha um deslaçar da ordem que mantém cada classe em seu degrau, recai na insolência" (Mendões e Blimunda elevam-se desta baixaria); a cruel luta surda entre a Escolástica e as